

# A perspectiva do examinando sobre a autenticidade de avaliações de leitura em LE<sup>1</sup>

Kátia da Silva Araújo

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Caixa Postal 6045 – 13083-970 – Campinas – SP araujoks@yahoo.com.br

***Abstract.** The term “authentic assessment” has been largely used in the field of L2 teaching/learning, although much of the various ways in which it has been interpreted have not been adequately studied. This paper aims at discussing the implications of considering some of these different perspectives – mainly the test-takers’ – about the notion of authenticity of L2 assessment in more detail, as well as pointing some outstanding questions still to be investigated.*

***Keywords.** perspectives; assessment; test-taker; reading; foreign language.*

***Resumo.** O termo “avaliação autêntica” tem sido largamente usado na área de ensino/aprendizagem de LE, embora muitas das maneiras em que tem sido interpretado ainda não foram estudadas adequadamente. Esse trabalho visa a discutir as implicações de se considerar algumas dessas diferentes perspectivas mais detalhadamente – principalmente as dos examinandos – sobre a noção de autenticidade nas avaliações de LE, assim como apontar algumas questões relevantes ainda por ser investigadas.*

***Palavras-chave.** perspectivas; avaliação; examinando; leitura; língua estrangeira.*

## 1. Introdução

A avaliação de línguas constitui um campo fértil para pesquisas, dadas as muitas incertezas que ainda pairam sobre esse objeto, que vão desde princípios teóricos sobre o que ela é e quais os processos e fatores envolvidos na formulação, aplicação e utilização de uma avaliação até os possíveis efeitos que possa ter num contexto social mais amplo e implicações decorrentes daí. A leitura, como um componente cujo uso é um dos mais freqüentes feitos de uma Língua Estrangeira (doravante LE) num país como o Brasil, se revela, pois, como um importante construto a ser avaliado nas mais diversas esferas: exames vestibulares, atribuição de certificados de proficiência em LE, seleção em programas escolares e profissionais. Tomá-la como objeto de estudo visa, portanto, buscar compreender melhor esse instrumento e potencializar seu uso de maneira mais eficiente.

Um dos aspectos sobre os quais podemos nos debruçar para procurar alcançar esse objetivo é o das diferentes perspectivas que os diversos *stakeholders*<sup>2</sup> têm sobre as avaliações de leitura em LE. Na presente pesquisa, as perspectivas sobre o conceito de

autenticidade das avaliações é investigado, buscando delinear como ele pode influenciar na maneira com o que o examinando aborda e realiza o teste<sup>3</sup>.

A *autenticidade* é um dos traços que, segundo Bachman & Palmer (1996), constrói a utilidade de uma avaliação. Se o propósito de uma avaliação é fornecer uma amostra demonstrativa do conhecimento ou do desempenho de um indivíduo relativo a um determinado construto, o mais apropriado é um método de avaliação que busque reproduzir as condições nas quais esse construto é habitualmente utilizado. Ou seja, o teste deve procurar reproduzir uma situação autêntica de maneira a avaliar mais precisamente a capacidade do indivíduo.

A autenticidade de um exame, no entanto, é um conceito relativo: dependerá do que constitui uso autêntico de LE para cada uma das partes envolvidas de alguma forma na constituição do exame como evento social e letrado. Daí a importante ligação que deve ser feita entre o conceito de autenticidade e as diferentes perspectivas sobre a avaliação.

Neste artigo, procuro apresentar um recorte da pesquisa de mestrado em andamento no qual busco expor alguns princípios teóricos que fundamentam a investigação sobre as perspectivas dos examinandos sobre avaliações de leitura em LE. Na próxima seção, discorro brevemente sobre o conceito de validade de face e suas implicações para as avaliações de LE e discuto alguns aspectos importantes sobre as perspectivas dos examinandos já identificadas em estudos anteriores sobre o assunto. Finalizo com considerações sobre questões ainda pendentes neste campo e suas implicações.

## **2. A Validade de Face e as perspectivas sobre as avaliações de línguas**

Muitos são os fatores que atuam na composição da percepção do examinando sobre o teste. Uma delas é a própria concepção que o examinando tem sobre o que é uma avaliação de LE, que irá, por exemplo, influenciar o quanto ele acredita que aquela é uma avaliação válida. O conceito de *validade de face* está envolvido nessa questão, e embora trate de um aspecto do conceito de validade muitas vezes negligenciado, por referir-se a uma espécie de validade mais “aparente”, atribuída pelo leigo, em minha opinião é um fator importante a ser levado em consideração. A percepção que o examinando tem sobre o teste pode influenciar o modo como se prepara para realizá-lo, que conteúdos e/ou habilidades ele acredita serem importantes para realizar bem o teste, que aspectos ele priorizará e que estratégias desenvolverá, entre outros elementos. Esses aspectos, por sua vez, podem atuar no desempenho do examinando e nos resultados que ele apresentará ao final da avaliação.

Nevo (1985) critica a negligência e a trivialidade com o que o conceito é tratado na área de avaliação e defende que estudos mais engajados sobre a validade de face dos exames devem ser feitos, sugerindo que um teste que atinja alta validade de face pode ser mais eficiente que um outro teste equivalente, porém com validade de face menor. O autor descreve métodos de mensuração da validade de face de uma avaliação e aponta como idéia valiosa a divulgação de dados sobre a validade de face de exames em seus próprios manuais, como evidência séria da qualidade do exame. Zeidner & Bensoussan (1988, p.113), no mesmo sentido, ressaltam que investigar as percepções dos examinandos sobre as avaliações pode ajudar examinadores a identificar pontos problemáticos na administração de exames, que vão desde os itens em si até o limite de

tempo para realização do exame ou outros aspectos da atmosfera geral de aplicação do exame.

Assim como a validade de face da avaliação atribuída pelo examinando – que poderíamos dizer que reflete sua concepção sobre o que significa avaliar uma LE – a sua concepção sobre uso da língua, sobre leitura – a habilidade em questão nessa pesquisa –, motivação para realização do teste, seu nível de proficiência, entre talvez diversos outros fatores ainda por ser investigados, agem na composição da percepção de um instrumento avaliativo. Estudar e buscar compreender esse intrincado pode nos levar a pensar sobre questões que muitas vezes não são levadas em consideração quando tratamos de avaliações, como, por exemplo, se as expectativas dos diferentes *stakeholders* correspondem-se minimamente.

Esse tipo de questão vai além de pesquisar se, e como, o examinando compreende o enunciado de um item, embora isso faça parte da relação que se estabelece entre examinando e examinador; busca-se, em primeiro lugar, investigar em que medida as prioridades de examinandos, examinadores e outros envolvidos no processo da avaliação estão localizadas no mesmo nível e no mesmo campo. A falta dessa correlação acarreta problemas tais como examinandos tentando traduzir textos em LE o mais fielmente possível em avaliações de leitura que, para os examinadores, buscam avaliar micro-habilidades outras, tais como a capacidade de síntese ou inferência, por exemplo. O problema talvez resida não na incapacidade do examinando em realizar sínteses ou inferências quando lendo em LE, mas na sua concepção e percepção de avaliação de leitura como espaço em que a tradução é evidência de compreensão do texto e de proficiência linguística.

Não apenas com relação a exames externos de LE existe a importância da investigação dessas percepções, mas também em contexto de sala de aula. Zeidner (1988, p. 231) afirma que a probabilidade de que exista cooperação dos examinandos, bom relacionamento entre professor e aluno e melhora na motivação para fazer o teste aumenta se os examinandos perceberem o teste como instrumento válido e justo, ao mesmo tempo que reações adversas seriam minimizadas. A autora sugere ainda que investigar essas percepções pode ser útil no repensar sobre práticas avaliativas e nas mudanças e remédios de falhas presentes nelas.

O estudo de Moni et. al. (2002) corrobora as considerações feitas por Zeidner (op. cit.). As autoras investigaram, num estudo longitudinal, as percepções de alunos (iniciando o equivalente ao ensino médio) sobre a avaliação de LM empreendida em sala de aula e constataram que as percepções deles variavam muito – talvez devido às diferentes experiências de avaliação que cada um deles já trazia de sua vida escolar – e que, enquanto em alguns casos durante o período de estudo elas permaneciam as mesmas, em outros elas mudaram. Isso poderia ser explicado talvez pelo tipo de experiência anterior com avaliações escolares que esses alunos traziam, se elas criavam expectativas que correspondiam ou não ao tipo de avaliação empregado no ano escolar em que o estudo foi realizado.

Outra constatação importante feita a partir dos resultados da pesquisa foi sobre atitudes dos alunos com relação à avaliação, fortemente baseada nas suas percepções sobre ela. Quando tinham percepções mais positivas – quando atribuíam maior validade de face às avaliações, por exemplo, embora as autoras não usem explicitamente esse termo –, a tendência era que se envolvessem mais com a avaliação e com a construção

de conhecimento que fazia parte dela, apresentando uma participação mais ativa em sala de aula. Isso destaca a importância da atenção a ser prestada às opiniões dos alunos sobre os instrumentos avaliativos e à formulação de métodos que, se não totalmente, pelo menos tentem aproximar-se das expectativas dos examinandos sobre o que é um teste válido para garantir o envolvimento interessado deles na realização dessas avaliações.

Pode-se dizer que o tipo de atitude devotado à avaliação, determinado parcialmente pelas percepções dos examinandos, faria parte do *efeito retroativo*<sup>4</sup> (*washback* ou *backwash effect*) que essa avaliação exerce sobre eles. Efeito retroativo da avaliação se refere ao impacto potencial que ela exerce sobre os *stakeholders* e sobre processos e produtos de ensino e aprendizagem. Um dos estudos que relaciona percepções ao efeito retroativo de exames de LE é o de Bartholomeu (2002), no qual a autora busca investigar percepções, atitudes e motivações de alunos da terceira série do Ensino Médio sobre os exames de inglês de três grandes vestibulares do estado de São Paulo (USP, Unicamp e Unesp) e como elas influenciam na preparação para esses exames. Seus resultados sugerem que as visões e ações desses alunos estão muito ligadas ao contexto escolar que frequentam e identificaram, assim como outras pesquisas já sugeriram, um efeito retroativo não determinista dos exames, mas dependente de outras variáveis, tais como as características individuais de cada aluno. Outro estudo que relaciona percepções sobre a avaliação ao seu efeito retroativo é o de Scaramucci (2004b), sobre o exame CELPE-Bras, que investiga como as percepções de professores de português para estrangeiros e de candidatos ao exame influenciam em suas práticas pedagógicas e na preparação que empreendem para o exame, respectivamente. Com relação às perspectivas dos candidatos (examinandos), recorte que interessa à minha pesquisa, a autora indica que as posturas da grande maioria deles são positivas, e suas respostas indicam que atribuem validade de face ao exame – o que influencia o efeito potencial que o exame tem no modo como se dedicam à aprendizagem da LE.

Com relação a perspectivas sobre exames de proficiência de LE, outro estudo especialmente importante para o desenho da presente pesquisa é o de Lumley & Brown (2004), sobre a integração das habilidades de escrita e leitura no novo exame TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*), desenvolvido pelo ETS (*Educational Testing Services*). O TOEFL, em sua versão antiga, era conhecido pela sua concepção mais estruturalista de língua e formato de múltipla escolha. As modificações introduzidas no “Next Generation TOEFL” visam mais integração de macro-habilidades e o domínio no uso de micro-habilidades como síntese e julgamento de conteúdo. Pesquisar sobre as percepções de examinandos e examinadores pretendia investigar como eles interpretavam essas novas exigências introduzidas.

Uma das principais constatações do estudo é que muitos candidatos parecem confusos sobre se os itens enfocam leitura ou escrita, não demonstrando um entendimento claro da natureza integrada dessa parte do exame. As análises parecem sugerir ainda que o nível de proficiência desempenha papel importante nesse processo, pois candidatos com níveis mais baixos encontram mais dificuldade na compreensão dos textos e na seleção de informações relevantes, o que prejudica a qualidade do produto escrito que a tarefa exige.

Outro ponto importante do estudo é a relativa discrepância que os pesquisadores identificaram entre as perspectivas dos examinandos e examinadores: eles não concordam sobre como é feito o uso do insumo fornecido no componente de leitura para a realização da tarefa, pois os examinandos não parecem conscientes da quantidade excessiva de cópia que realizaram. Os autores apontam como uma das implicações do estudo a necessidade de que os examinandos tenham preparação mais adequada para o exame e, mais importante, realizem uma reflexão crítica sobre o processo de avaliação.

### 3. Considerações Finais

A correspondência entre as perspectivas dos diferentes *stakeholders* já foi mencionada aqui anteriormente e, mais uma vez, o ressaltado como ponto importante no porquê investigar as percepções dos examinandos sobre a autenticidade nas avaliações. Como já foi dito, a autenticidade é uma característica tomada como importante e “positiva” numa avaliação bem feita e de princípios comunicativos. Devemos, no entanto, estar atentos à adoção desse pressuposto sem os devidos cuidados e esclarecimentos sobre seu construto, o quê realmente está envolvido aí. Não apenas no campo de avaliação de LE, mas na avaliação em geral, existe a tendência em atribuir valor à autenticidade em si, sem a atenção aos outros elementos constituintes da avaliação. Essa tendência pode estimular a busca pela formulação de testes cada vez mais próximos das situações reais de uso da língua. Muitos pontos controversos, no entanto, entremeiam esse processo, e no que se refere à perspectiva do examinando, podemos nos perguntar: será a autenticidade de um teste “obviamente uma coisa boa” também para eles? Ou mesmo: os examinandos têm um conceito do que é autenticidade na avaliação? Como eles percebem essa característica?

Na tentativa de refletir sobre algumas dessas questões, Lewkowicz (2000) realizou um estudo que buscava investigar alguns que importância os examinandos atribuíam à autenticidade dos testes e como essa percepção afetava o desempenho deles no teste. A autora conclui que a autenticidade não é percebida pelos examinandos necessariamente como algo importante, que permitiria avaliar suas capacidades lingüísticas de uma maneira melhor. A preferência, em muitos casos, pelo teste “não-autêntico” lança a seguinte pergunta: para quem os testes usados na pesquisa se configuravam como autênticos ou não-autênticos? Também para os examinandos ou somente para os examinadores?

Outro ponto que deve ser apontado também é o das perspectivas dos examinandos em contextos outros os que não de exames externos, mas no ambiente escolar. Como demonstrado pelo estudo de Moni et. al. (op.cit.), as percepções de alunos tomam proporção relevante para a aceitação e envolvimento no sistema de avaliação, pontos-chave no processo de ensino/aprendizagem de línguas. Alguns pontos obscuros no que se referem à motivação e ao engajamento em sala de aula por parte dos aprendizes podem ser esclarecidos com a ajuda desse tipo de investigação.

Essas são, obviamente, apenas alguns questionamentos com relação ao status da autenticidade das avaliações, sobre as avaliações como ferramenta social e das diferentes interpretações feita sobre ambas. A necessidade, pois, de investigação formal, que busque trazer maior compreensão sobre a natureza das perspectivas sobre esses objetos e das concepções que norteiam essas percepções se faz clara.

### 4. Notas

1. Este trabalho conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
2. O termo *stakeholder*, na literatura de avaliação de línguas, refere-se a todas as pessoas e/ou instituições que fazem parte do processo de avaliação em algum nível: os responsáveis pela formulação e correção, os examinandos, e as instituições ou pessoas que usam os resultados das avaliações para algum fim seletivo, como uma empresa num exame de seleção para um emprego, uma instituição educacional para o ingresso num programa de estudos, uma agência financiadora para distribuição de bolsas de pesquisa, entre outros usos.
3. Os termos *teste*, *exame* e *avaliação* serão usados como sinônimos.
4. Para uma discussão mais ampla sobre efeito retroativo, assim como uma exposição do estado da arte do conceito, ver Scaramucci (2004a).

## 5. Referências Bibliográficas

- BACHMAN, L.F. & PALMER, A.S. *Language Testing in Practice*. Oxford: Oxford University Press. 1996.
- BARTHOLOMEU, M. A. N. *Prova de língua estrangeira (Inglês) dos vestibulares e sua influência nas percepções, atitudes e motivações de alunos do terceiro ano do ensino médio*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, IEL, Unicamp. 2002.
- LEWKOWICZ, J.A. Authenticity in language testing: some outstanding questions. *Language Testing* 17 (1), pp. 43-64. 2000.
- LUMLEY, T. & BROWN, A. Test-taker and Rater Perspectives on Integrated Reading and Writing Tasks in the Next Generation TOEFL. *Language Testing Update* 35 – Spring, pp. 75-79. 2004.
- MONI, K.B., van KRAAYENOORD, C. & BAKER, C.D. Students' perceptions of Literacy Assessment. *Assessment in Education* 9 (3), pp. 319-339. 2002.
- NEVO, B. Face Validity Revisited. *Journal of Educational Measurement* 22 (4), pp. 287-293. 1985.
- SCARAMUCCI, M.V.R. (2004a) Efeito retroativo da avaliação no ensino/aprendizagem de línguas: o Estado da Arte. *Trabalhos em Linguística Aplicada* 43 (2), pp. 203-226.
- \_\_\_\_\_ (2004b) Celpe-Bras exam and teachers' perceptions of impact on teaching/assessment of Portuguese as a FL/L2. Trabalho apresentado no *Language Testing Research Colloquium*, Temecula, Califórnia, USA.
- ZEIDNER, M. Classroom testing: the examinees' perspective. *Studies in Educational Evaluation* 14, pp. 215-233. 1988.
- ZEIDNER, M. & BENSOUSSAN, M. College students' attitudes towards written versus oral tests of English as a Foreign Language. *Language Testing* 5 (1), pp. 100-114. 1988.